

VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del
MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos
Aires, 2015.

A escuta psicanalítica de “ex-fumantes”: a elaboração do mal-estar advindo da abstinência do tabagismo.

Belarmino Souto, Jailma, Gonãsalves, Edivan, Aquino Gouveia, Maria Lígia y Breckenfeld, Patrícia.

Cita:

Belarmino Souto, Jailma, Gonãsalves, Edivan, Aquino Gouveia, Maria Lígia y Breckenfeld, Patrícia (2015). *A escuta psicanalítica de “ex-fumantes”: a elaboração do mal-estar advindo da abstinência do tabagismo. VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-015/694>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/epma/fao>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A ESCUTA PSICANALÍTICA DE “EX-FUMANTES”: A ELABORAÇÃO DO MAL-ESTAR ADVINDO DA ABSTINÊNCIA DO TABAGISMO

Belarmino Souto, Jailma; Gonãšalves, Edivan; Aquino Gouveia, Maria Lúgia; Breckenfeld, Patrícia
Universidade Estadual da Paraíba. Brasil

RESUMEN

Este trabalho constitui um relato de experiência de estagiários de psicologia na atenção a “ex-fumantes”, usuários de um programa multidisciplinar de tratamento do tabagismo. Em se tratando da equipe de psicologia, são oferecidos grupos de escuta e acolhimento aos sujeitos, sob os pressupostos da psicanálise. Neste contexto, é aberto um espaço de elaboração do mal-estar provocado pelo súbito abandono do vício tabagista, respeitando-se as vicissitudes que daí se prolongam para o sujeito que se vê desinvestido daquele objeto que por muito tempo foi um parceiro sintomático, servindo-se a uma satisfação pulsional que porta o paradoxo prazer-desprazer. Através da procura dos usuários criou-se a demanda por um serviço de escuta continuada, e assim se fez o grupo continuum, um espaço de escuta no qual os usuários tiveram a oportunidade de falar sobre os sentimentos e angústias surgidas posteriormente ao “abandono” do tabaco. Esta experiência favoreceu a construção de um espaço singular de acolhimento para o “além do cigarro”.

Palabras clave

Tabagismo, Satisfação Pulsional, Psicanálise, Escuta Continuada

ABSTRACT

PSYCHOANALYTIC LISTENING OF FORMER SMOKERS: THE WORKING-THROUGH OF THE UNEASINESS ARISING FROM SMOKING ABSTINENCE

This work is an account of psychology interns experience in the care of “former smokers”, users of a multidisciplinary program of treatment of smoking. In the case of the psychology team, it is offered listening groups and embracement to the subjects, under the assumptions of psychoanalytic theory. In this context, it opens a space for the working through of the uneasiness caused by the sudden abandonment of tobacco addiction, respecting the divergences, which that extend to the person who finds himself divested of that object that was for a long time a symptomatic partner, serving as a drive satisfaction that carries the paradox pleasure-displeasure. By users' search, a demand arouse for a continuous listening service, and so “Continuum” group was created, a listening space in which users had the opportunity to talk about the feelings and anxieties later emerged the “abandonment” of tobacco. This experience favored the construction of a singular space of embracement for “beyond the cigarette.”

Key words

Smoking, Drive Satisfaction, Psychoanalysis. Continuing listening

Introdução

O uso do cigarro tem sido uma problemática debatida atualmente nos campos da saúde, em se tratando dos malefícios causados ao sujeito que ativamente ou passivamente sofrem com o risco de desenvolver inúmeras afecções oriundas do seu consumo. Embora os danos causados pelo tabagismo já fossem do conhecimento de estudiosos há quase um século antes do grande impulso que o cigarro ganhou na sociedade do século XIX (Leite, 2006), o seu consumo ganhou contornos ao longo da história que ainda hoje circunscreve uma situação preocupante para as políticas de atenção à saúde pública.

No Brasil têm sido implantadas políticas de abordagem ao tratamento do tabagismo na rede que integra o Sistema Único de Saúde (SUS). Neste meio são tecidas estratégias pelo Ministério da Saúde, que através do Instituto Nacional do Câncer (INCA) tem desenvolvido o Programa Nacional de Controle ao Tabagismo (PNCT), na busca de reverter os quadros epidêmicos evidentes com a dependência à nicotina. São frutos deste programa as estratégias que buscam a prevenção da iniciação ao tabagismo, a proteção da população contra a exposição ambiental à fumaça do tabaco, o suporte à cessação de fumar, além do controle exercido sobre os produtos de tabaco através de ações educativas e de criação de políticas e iniciativas legislativas e econômicas (Brasil, 2004, p. 3).

Quanto à participação do psicólogo no referido programa, resguarda-se a capacitação deste profissional individual ou em grupo, a partir de um material de apoio pré elaborado para realização de sessões com os usuários tabagistas.

No entanto, embora exista normalmente a formulação de um trabalho pautado nos pressupostos teóricos e técnicos de manuais pré-formados para os programas de tratamento do tabagismo, ressaltamos a importância de desenvolver junto a tais programas novas possibilidades de atenção, buscando promover um acolhimento ao sofrimento despertado com a situação paradoxal evidenciada pelo desejo de fumar em contraste com o medo de morte e de adoecimento causado pelo hábito tabagista.

Destarte, observa-se a necessidade de estimular espaços de expressão das angústias e de problematização dos significados que o cigarro porta na vida de cada sujeito. Também é preciso considerar a parceria sintomática instalada com o uso do objeto cigarro, este que por muito tempo serviu como substituto de uma satisfação pulsional, como mediador entre um desejo expresso no ato de uma tragada. Deriva disto a instalação de uma condição de aprisionamento do sujeito a não desejar outra coisa senão a própria droga, o cigarro, que por sua vez pode levar o sujeito à morte.

Em face dessas problemáticas, este trabalho apresenta um relato de experiência da equipe de psicologia integrante do projeto “Tratamento do Tabagismo: Enfoque Multidisciplinar”. Esta tem sido uma atividade de extensão universitária que vem desempenhando um papel relevante com o público de fumantes inscritos para o tratamento

proposto, na sua busca de cessação do tabagismo. Em meio à equipe multidisciplinar, o grupo de Psicologia, tomando como base o referencial da psicanálise, busca exercer suas atividades através da abertura de um espaço de escuta e acolhimento, em grupo ou individual, à fala de seus usuários. O grupo tem como principal objetivo provocar o sujeito a uma reelaboração dos seus conflitos subjetivos a partir da queixa evidenciada com o uso tabagista.

Numa das fases do tratamento, após vencido o período de três meses proposto para as ações extensionistas com cada grupo de participantes, é facultado um espaço de escuta continuada, onde são discutidas as diversas demandas e as dificuldades enfrentadas pelos participantes para manter a abstinência. Sendo assim, tratamos de explorar aqui a experiência da escuta psicanalítica com sujeitos que se intitulam “ex-fumantes”, sujeitos que em face de sua escolha em abster-se do cigarro, permanecem com os restos de uma dependência que não cessa de se expressar sob a forma de uma satisfação perdida.

Ao passo destas últimas considerações, destacamos o referencial da teoria psicanalítica como um importante contributo para o acolhimento do sujeito em sua situação de sofrimento e de elaboração de suas maneiras singulares de se desvencilhar do consumo tabagista. Para tanto, observamos de imediato, que o desejo, conforme aponta Lacan (1957-1958/1999), é sempre o desejo por algo substitutivo ao objeto proibido. Trata-se de um desejo impossível, que enquanto seres falantes, nunca alcançamos o que demandamos.

Ao considerar o pragmatismo e objetivação que envolve os muitos manuais que buscam o enquadramento de técnicas para o tratamento dos usuários tabagistas, um grupo em que equivocadamente julga-se ser homogêneo, destacamos para a nossa prática o resgate daquilo que o sujeito possui de mais singular em sua história com o cigarro, detendo-se a escutar o que a sua fala tem a expressar, a denunciar. Sendo assim, referenciamos-nos ao que afirma Lacan:

Os conceitos da psicanálise são captados num campo de linguagem e seu domínio se estende tanto que é possível que uma função de aparelho, uma miragem da consciência, um segmento do corpo ou de sua imagem, um fenômeno social ou uma metamorfose dos próprios símbolos sirvam de material significativo para aquilo que o sujeito inconsciente tem a expressar. Essa é a ordem essencial em que se situa a psicanálise, e que chamaremos de ordem simbólica [...] afirmaremos que tratar o que é dessa ordem pela via psicanalítica impede qualquer objetivação que se possa propriamente fazer dela (Lacan, 1953/1998, p. 145).

Em nossas atividades, observamos que quando se fala se faz preciso escutar os significantes inerentes ao discurso. É nesse sentido que a psicanálise propõe sua ferramenta primordial, qual seja, a escuta. Neste sentido, Macedo e Falcão (2005, p. 49) explicam que a “situação analítica é, por excelência, uma situação de comunicação”. No desenrolar desta operação, as demandas circulam, embora nem sempre de forma lógica ou de fácil deciframento, comunicando em seu interior o seu desejo e a necessidade de serem escutadas.

Método

O projeto *Tratamento do Tabagismo: Enfoque Multidisciplinar* constitui uma prática de extensão aprovada segundo o edital da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão (PROBEX) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). O Projeto vinculado à UFCG conta com a parceria da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), do Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC) e do Laboratório Eurofarma. O projeto é formado por uma equipe multidisciplinar composta

atualmente por seis especialidades, quais sejam: Psicologia, Farmácia, Odontologia, Nutrição, Fisioterapia e Medicina. Os objetivos consistem principalmente em contribuir para a diminuição dos índices de tabagismo ativo e passivo do público inscrito no projeto. As atividades ocorrem semanalmente em salas e ambulatórios do HUAC em Campina Grande-Paraíba, Brasil, durante as tardes das sextas-feiras. O público alvo é composto por fumantes de ambos os sexos, maiores de 18 anos, que procuram espontaneamente os serviços oferecidos.

O grupo de Psicologia, desde o ano de 2012, desempenha seus trabalhos usando a referência da teoria psicanalítica, problematizando a dependência e o desejo, no intuito de provocar o sujeito frente a sua escolha em consumir o tabaco e implicando-o nas suas possibilidades de cessação e de manutenção da abstinência desse consumo. Neste caso, os estagiários de psicologia atuam em grupos de acolhimento e escuta destinados às demandas advindas do mal-estar vivenciado pelos usuários em seu processo de cessação ao tabagismo. Cada grupo tem duração de três meses, período estipulado pelo projeto para o desenvolvimento do tratamento.

Entretanto, alguns participantes, mesmo tendo alcançado o objetivo de parar de fumar, sentem a necessidade de um acompanhamento psicológico continuado, tendo em vista fatores relacionados à abstinência, ansiedade e insegurança. Nessa perspectiva, os próprios pacientes propuseram a possibilidade de um grupo de “continuação” direcionado aos “ex-fumantes”, tal como se nomeavam. O grupo *continuum* (assim denominado pelo grupo de estagiários) consistia em oferecer um espaço de escuta no qual os usuários tivessem a oportunidade de falar sobre os sentimentos surgidos posteriormente ao abandono do vício. A duração desse grupo também seguiu o tempo médio de três meses, posteriores à primeira fase de tratamento. Os participantes deste grupo recebiam apenas a atenção da equipe de psicologia, reconhecendo aí o lugar de escuta enquanto importante instrumento de ressignificação do seu sintoma tabagista. Aos que desejaram foi ofertada escuta individual, além do grupo, e foram encaminhados à clínica escola do curso de psicologia, iniciando o seu tratamento de análise pessoal. Ao passo que cada participante apontava a necessidade de continuar a se questionar sobre o seu desejo de consumir o cigarro, estes buscavam trilhar outras saídas, menos devastadoras, para lidar com o seu mal-estar.

Das falas (des)veladas em grupo

A psicanálise instaura um discurso, e, por consequência, um saber passível de transmissão, não por ter uma estrutura de todo e sim por suas lacunas que fazem com que a cada novo encontro com a teoria e a prática clínica seja possível uma construção. Tal construção, que é particular por excelência, é própria do campo psicanalítico. Partindo deste princípio, Lacan, em seu retorno a Freud, buscou retomar a experiência psicanalítica, abordando o lugar central da falta, mais detidamente no que concerne à noção de objeto circunscrita pela psicanálise. Nesse caminho, há um aprofundamento da dimensão da falta e a construção de uma concepção de objeto que a inclui (Guedes, 2010).

Nesta perspectiva, compreende-se que o hábito tabagista, ato legitimado pelo sujeito, surge como uma tentativa de preenchimento do vazio inerente à sua constituição - o que lhe falta -, por meio do objeto posição, que lhe confere a ilusão de uma possível completude. Ao fumar, o sujeito busca um alívio de uma angústia mortífera e avassaladora que o irrompe, passando a droga a assumir um lugar de fuga ante tais acontecimentos. A falta constitutiva do sujeito é decorrente da perda do objeto fundamental, conferido por Freud no

Projeto para uma Psicologia Científica (1950[1985]/1996). Freud a chama *A Coisa*, o desconhecido, o impenetrável que se impõe por uma estrutura constante e se mantém unida como coisa. O objeto perdido é fundamento do desejo infinito de recuperação.

Lacan, no Seminário sobre *A angústia*, ousa ao introduzir o conceito de objeto *a*, o que chama sua única invenção (Lacan, 1962-1963/2005) - o objeto *a* - trata-se de um objeto que intervém, constituindo a economia libidinal do sujeito, numa inocorrência que é sempre perturbadora. A manifestação mais gritante, o sinal da intervenção desse objeto *a* na esfera do sujeito é, segundo Lacan, a angústia. Nesta perspectiva, o objeto *a* não cessa de se circunscrever, impulsionando o sujeito a uma busca desenfreada de recuperá-lo. Nesta busca incessante, eis que surge a droga, apresentando-se como objeto que fascina, vislumbrando promessa irrecusável de tamponamento da falta, tomando seus efeitos reais na vida do sujeito.

Na trama de palavras e equívocos, há o sofrimento e angústia real do sujeito frente ao desconhecido, frente ao desejo que insurge em consumir o objeto cigarro/tabaco. Tal questão pode ser ilustrada no discurso que segue: *“Quando eu almoço, parece que fica algo faltando, e é ele, é o cigarro. Eu não era pra ser fumante, eu odiava a fumaça do cigarro. Eu sou viciada por cheiro, quando eu fumava, ficava me limpando e cheirando, querendo me livrar daquele cheiro. Eu tinha nojo de fumar...Porque eu estou com ele na minha boca? Eu me perguntava [...] E no final, eu já estava com vergonha das pessoas de fumar”* (Participante 1).

No discurso enunciado acima, o objeto *a* se presentifica, revelando-se nas entrelinhas, nos não-ditos que insistem em vir à tona por meio da linguagem. No trecho do discurso *“Quando eu almoço, parece que fica algo faltando, e é ele, é o cigarro”* (participante 1) é pertinente destacar a falta com a qual tal participante relata sentir caso não fume após o almoço. A insistência da pulsão que atua a serviço do objeto *a*, é de satisfazer-se, à medida que, ora causa alívio momentâneo ao sujeito, ora lhe causa angústia e desamparo perante a nostalgia do objeto (a droga) impossível de preencher algo.

Num trecho do discurso da participante 1: *“Eu não era pra ser fumante, eu odiava a fumaça do cigarro [...] eu tinha nojo de fumar, porque eu estou com ele na minha boca?”*, pode-se visualizar a atuação do inconsciente do sujeito, que é sempre evanescente e segue a sua lógica própria. Mesmo a participante odiando a fumaça do cigarro, como foi relatado, algo insistia inconscientemente, fazendo-a consumir o cigarro, ratificando o caráter de insistência e repetição da qual a pulsão se serve para satisfazer-se.

Tais discursos elucidados reafirmam o lugar do qual a psicanálise aplicada na Instituição pode se propor: o de priorizar a singularidade que marca cada sujeito, no seu modo particular de viver e de se haver com o seu sintoma. No espaço grupal, há uma aposta de que por meio da fala, possa advir um sujeito portador de desejo, deixando de assumir um lugar de objeto, encoberto pelo véu do estigma: “eu sou fumante”.

Assim, compreende-se que a fala se coloca como instrumento único e excepcional com a qual é pautado este trabalho de grupo com os sujeitos, cuja teoria psicanalítica se constitui. Como aponta Miller (1997), sabe-se desde sempre que falar faz bem e que a fala tem um poder de cura, quando no momento de sua expressão. “Sabe-se que ir mal, estar doente, é talvez uma forma de falar quando já não se sabe falar” (p.11). Destarte, Lacan (1953/1998) já enfatizava, quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente.

Nos discursos que seguem, pode-se visualizar o quanto foi possível a tais sujeitos produzirem algo da sua história com o cigarro, dando um novo “tratamento” ao seu modo de gozo, esvaziando-o e

trilhando um caminho possível de uma reinvenção do real pelo simbólico. Ao passo que os discursos se seguem: *“Me sinto cada vez melhor, antes eu não conseguia fazer tão bem minhas atividades. Eu abro a janela do meu quarto. Não saio de casa, mas antes eu queria ficar só na minha cama”* (Participante 2). *“Eu não queria nem me olhar no espelho”* (Participante 3).

Em face destas últimas falas mencionadas, pode-se observar que algo estava mobilizando estes sujeitos a uma mudança de posição diante do real da vida, deslizando na cadeia de significantes S1. Como aponta Dor (1989, p. 118) “Uma vez que o sujeito advém pela linguagem é, portanto, no próprio ato da articulação significativa, isto é, na enunciação, que ele advém”. Neste sentido, a posição do analista, segundo o referido autor trata-se de “... pontuar o dizer do paciente por meio de uma escansão que fará surgir, no próprio lugar da enunciação, a abertura significativa que ali se faz ouvir” (Dor, 1989, p.120).

No espaço grupal ofertado aos usuários do programa, compreende-se que a partir da análise do imaginário e das lacunas do discurso consciente (enunciados), emergirão outras enunciações através das formações do inconsciente (recalcado da história individual), bem como das novas produções de sentido, indicando, assim, a presença do simbólico como possibilidade de significantização, ou seja, de ciframento da própria angústia (Rosa, &Pastori, 2011).

Outro aspecto pertinente a ser destacado nos nossos trabalhos, diz respeito à transferência. De acordo com Miller (1997), a transferência constitui um consenso para os psicanalistas, a saber, que esta se apresenta como o *modus operandi* da psicanálise. Assim sendo, Lacan não escapa de explorar este conceito na teoria e técnica psicanalítica, que além dos tratados considerados anteriormente por Freud, operará com a instauração do conceito do “sujeito suposto saber”, pivô da transferência.

No discurso que segue, vislumbra-se o fenômeno da transferência pela participante 4: *“Eu me sinto insegura, e preciso desse apoio de vocês”* (Participante 4). A partir do discurso exposto, convém elucidar que a participante 4, endereçava um saber aos extensionistas deste trabalho grupal. Aos mesmos, era direcionado um lugar de apoio para que esta pudesse endereçar a sua insegurança. Percebe-se que nos discursos que circularam no grupo *continuum*, muitos são os questionamentos sobre o porquê fumar, mesmo sabendo conscientemente de todos os seus malefícios. Nestes questionamentos e interrogações, há um endereçamento ao Sujeito Suposto Saber - A Instituição e seus profissionais - sobre o seu sintoma e o desejo de saber sobre o desejo de consumo da droga.

O sujeito suposto saber é o próprio suporte da transferência na medida mesmo em que ele é idêntico ao amor. A transferência é o amor se endereçando ao saber, pois se ama aquele em quem se supõe um saber. O analista é investido dessa suposição pela transferência, mas não pode responder daí. Desprezar esse lugar do sujeito suposto saber é uma forma de não responder à demanda de amor (Quinet, 2003).

A partir do exposto, frente a tais demandas de sujeitos em busca da cessação do vício ao tabagismo, destaca-se que neste espaço grupal, há uma aposta de que cada sujeito se autorize frente ao seu desejo, implicando-se e responsabilizando-se pelos efeitos desse mesmo desejo que porta. Destarte, é um espaço de possibilidades para uma ressignificação do vício ao tabaco, distanciando-se de garantias de promessas de cura ao tabagismo, mas como aponta Miller (1997) o que se pode prometer é elucidar o desejo do sujeito e ajudá-lo a decifrar o que insiste na existência. Isto é, o que não se sabe e o que se pode prometer.

Ao que temos encontrado enquanto resultados dos trabalhos desen-

volvidos no projeto, destacamos os efeitos significativos percebidos, uma vez que nos anos de 2012, 2013 e 2014 foi observado que, do contingente dos participantes do projeto, uma média de 50% a 55% conseguiu tomar atitudes de modificações do hábito tabagista optando pela abstinência. A este contingente, reservamo-nos, ainda, a escutar as demandas que advém de sua cessação, como forma de o sujeito poder trilhar mais o seu “saber-fazer” sem o tabaco.

Considerações Finais

O trabalho com os sujeitos tabagistas tem se demonstrado como um importante espaço para aplicação dos pressupostos da teoria psicanalítica, respeitando-se o sofrimento experimentado por aqueles que convivem com o paradoxo de abandonar aquela que parecia de longe uma solução para o seu mal-estar. Em nossa atuação, tem sido privilegiada a ética de escutar o sujeito em sua singularidade, observando-se as entrelinhas do seu discurso para daí dar margens a possíveis construções que se fazem na implicação deste com o seu próprio desejo.

No cerne de nossas atividades relatamos uma tentativa difícil, e desafiadora, de abordar um conjunto de conceitos e técnicas que fazem parte do difícil trabalho com o inconsciente em meio a outras práticas que comumente estão habituadas a uma atuação mais instrumental e racionalizante das causas e meios necessários para o controle e extinção do hábito tabagista. Entretanto, sentimo-nos instigados a adentrar no desafio que o trabalho com fumantes proporciona, na certeza de que as certezas inexistem e que as referências sejam elas tantas, são apenas o começo de uma prática que requer desejo, que desafia-nos na nossa centralidade, ainda muito racional e cartesiana, de pensar o sujeito.

Em consequência do trabalho com os ditos “ex-fumantes” ressaltamos que a procura, ao partir dos próprios participantes, faz surgir a demanda de escutar o “para além do cigarro”. A partir disso, relatamos que estes sujeitos puderam elaborar melhor a sua renúncia ao objeto cigarro, ressignificando o domínio desse objeto em suas vidas e conseqüentemente substituindo-o por satisfações menos destrutivas. Fato que implica também em situarem-se melhor diante das insatisfações cotidianas.

BIBLIOGRAFIA

- Brasil. Ministério da Saúde. (2004). Plano de Implantação da Abordagem e tratamento do tabagismo na rede SUS. Portaria 1.035 de 2004.
- Dor, J. (1989). Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Freud, S. (1996). Projeto para uma Psicologia Científica. In S. Freud. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. (Vol. 1, pp. 341-466). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1985]).
- Guedes, D. F. P. (2010). Uma introdução ao conceito de objeto a. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 8(1), 159-174.
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise. In *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J. (1999). O Seminário. Livro 5: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (2005). O Seminário. Livro 10: a angústia. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Leite, M. da C. (2006). Aspectos históricos do tabaco (e seus subprodutos). In G. R. A. Focchi, A., Malbergier, & M. P. Ferreira (Eds.). *Tabagismo - dos fundamentos ao tratamento* (pp. 7-23). São Paulo, SP: Lemos Editorial.
- Macedo, M. M. K., & Falcão, C. N. de B. (2005). A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. In M. M. K. Macedo, & L. K. Carrasco. (Orgs.). *(Con)textos de entrevista: olhares diversos sobre a interação humana* (pp. 49-62). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Miller, J. (1997). Psicoterapia e psicanálise. In J. Forbes (Org.) *Psicanálise ou psicoterapia*. Campinas, São Paulo: Papyrus.
- Quinet, A. (2003). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.